

# UCRÂNIA: QUEREM SABOTAR A PAZ?

Por Gabriel Camilli\*



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

*Moscou busca paz com concessões territoriais em meio a uma ofensiva russa intensa na Ucrânia, que resiste, mas enfrenta limitações militares; a situação geopolítica aponta para uma resolução ditada, com a Ucrânia em desvantagem.*

**A** Rússia oferece negociações de paz em troca de concessões territoriais. No entanto, os ucranianos ainda controlam 40% da região de Donetsk.

**A situação militar:** Uma ofensiva russa maciça está em andamento ao norte de Pokrovsk. Estão tentando cortar as linhas de suprimento. Os ucranianos estão respondendo com contra-ataques e conseguiram bloquear esse avanço por enquanto. No geral, estamos vendo ataques russos ao longo de toda a linha de frente. Os russos continuam a exercer pressão maciça, prosseguindo com sua doutrina de “Batalha Profunda”, como temos expressado nesta coluna há anos.

A questão: Será que os russos eventualmente ocuparão as regiões de Donbass de qualquer maneira e, portanto, poderão ser usados como moeda de troca? Para que isso aconteça, seria necessária uma vontade clara do lado ucraniano. Há uma discrepância entre as perspectivas militar e política. Muitos ucranianos se perguntam por que as tropas não são retiradas para uma área mais fácil de defender. Este é um debate de longa data.

Zelensky não está disposto a ceder voluntariamente um único metro de terreno e quer infligir o máximo de baixas possível aos russos. No entanto, há, sem dúvida, aqueles que agora pressionam por um acordo antes que a situação se deteriore ainda mais.

Trump, no entanto, tem alguma influência sobre como as coisas se desenrolam no futuro. Ele pode inclinar o conflito para um lado ou para o outro.

Mas a realidade supera os desejos. Sejam os claros: os ucranianos poderiam recuperar esses territórios pela força? Para uma ofensiva, eles precisariam de uma força robusta, capaz de atacar em profundidade. Mas eles não têm. Eles não têm soldados, equipamentos e armas. Eles precisariam de até 3.000 tanques, defesas antidrones e muitas outras capacidades para sequer considerar um ataque, apenas para recuperar territórios ucranianos atualmente ocupados pela Rússia. Portanto, parece dificilmente concebível que a Ucrânia possa sair da guerra sem perder território. De acordo com nossa análise, sem mais recursos, ela não tem chance realista de recapturar esses territórios. A Ucrânia é incapaz de uma ofensiva abrangente. Vários chefes de Estado europeus também afirmam isso. Mas Zelensky se recusa a ceder.

## RÚSSIA NO CAMPO DE BATALHA

A Rússia detém a iniciativa no campo de batalha e consegue enviar continuamente novos soldados. Alguns analistas (seja com más intenções ou pouco conhecimento) preveem uma deterioração da Rússia no cenário interno e em suas capacidades econômicas. Eles vêm mantendo essa narrativa há mais de três anos... e nada.

Um cisne negro nunca pode ser descartado, um evento repentino que muda tudo. Mas não há evidências de golpe de Estado na Rússia. Em termos de recursos, a Rússia tem aliados poderosos. A ajuda da China, Coreia do Norte, Irã e, em última análise, da Índia, faz uma enorme diferença. Mas também não há sinais de fadiga no cenário interno. Atualmente, a Rússia está até recrutando mais soldados. Aparentemente, muitos acreditam que a guerra está prestes a terminar e querem garantir os bônus.

## SOBRE A GRANDE POLÍTICA

Temos testemunhado negociações aceleradas. Putin acredita que pode vencer a guerra. Apesar das perdas, ele vê um progresso positivo nas linhas de frente. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos não estão mais dispostos a continuar fornecendo apoio abrangente à Ucrânia. Os europeus não estão unidos. Qualquer apoio é uma aposta arriscada. Tudo isso fortalece os russos. Na Rússia, a cúpula do Alasca foi saudada como uma grande vitória.

Será que o encontro entre Trump, Zelensky e os europeus é apenas para discutir os detalhes de uma paz ditada? Como também dissemos, precisamos encontrar uma maneira “mais ou menos digna” de encerrar esta guerra.

É como um jogo de pôquer. O jogo será decidido entre a Rússia e os Estados Unidos. No pôquer, no entanto, você nunca deve dar a impressão de que tem uma mão ruim ou que está cansado. É exatamente isso que Trump está fazendo. Ele está dizendo: “Não quero mais jogar.”

Talvez Putin tenha uma mão muito pior. Não sabemos. Mas Putin está aumentando a aposta e quer pagar para ver. Não é de se surpreender que Trump tenha perguntado a Zelensky como ele poderia ajudá-lo. Aconteceu o oposto. Ele lhe ofereceu algo e o pressionou. Trump ameaçou Zelensky de abandoná-lo.

## O LADO EUROPEU

Enquanto isso, vamos analisar algumas considerações do lado europeu. O Reino Unido e a União Europeia são forçados a encerrar a guerra na Ucrânia, independentemente do que Zelensky queira. As razões estratégicas são, essencialmente, a escassez de armas, o desejo de Israel por mais recursos militares atualmente destinados à Ucrânia e, finalmente, o gás no Oriente Médio. Mesmo que a mídia diga o contrário. Os seguintes pontos são a realidade:

**1) A proibição da China às exportações de terras raras** interrompeu a produção ineficiente e lenta de armas dos Estados Unidos e seus parceiros, o que significa que todos os mísseis antiaéreos e interceptadores usados por Israel contra Gaza, Líbano, Síria, Iêmen e Irã são agora bastante difíceis de substituir.

**2) Israel quase esgotou seus interceptadores em apenas 12 dias de guerra com o Irã.** Muitos lançadores de mísseis antiaéreos foram alvos de ataques com mísseis, alguns dos quais falharam e explodiram. Israel precisa de mais mísseis antiaéreos antes que a guerra com o Irã seja retomada. A Ucrânia já concentrou mísseis antiaéreos da OTAN. O cobertor é curto.

**3) Os estoques de bombas e mísseis dos EUA e da OTAN estão significativamente enfraquecidos** por três anos e meio de guerra na Ucrânia, pelas 100.000 toneladas de mísseis e bombas lançadas sobre o campo de concentração de Gaza e pelos ataques israelenses ao Líbano, Síria, Egito, Iêmen e Irã. Israel precisa de munição.

**4) O Oriente Médio é instável** e, portanto, exige a remoção de todo o equipamento militar e munição da Ucrânia o mais rápido possível.

**5) Recursos para mão de obra.** As milícias ucranianas, pagas e comandadas pelo Pentágono desde 2013 e amplamente mobilizadas na Síria e no Afeganistão até 2021, podem atender a essa necessidade se encerrarem seu envolvimento na Ucrânia.

**6) A OTAN foi concebida pelos irmãos Dulles** para centralizar o comando militar e a política externa europeia sob o domínio dos EUA (os irmãos Dulles, John Foster Dulles e Allen Dulles, desempenharam papéis significativos na política externa dos EUA durante a Guerra Fria, incluindo a OTAN. John Foster Dulles, como secretário de Estado do presidente Eisenhower, foi um dos principais arquitetos da estratégia de contenção do comunismo, fortalecendo a OTAN e outras alianças anticomunistas. Allen Dulles, como diretor da CIA, esteve envolvido em operações secretas e apoio a governos anticomunistas). Hoje vemos exatamente por que e como isso funciona.

## A VERDADEIRA DIMENSÃO DAS CONVERSAS

Segundo o jornalista mexicano Lorenzo Carrasco, dizemos: “...vivíamos em um mundo sem dissuasão. E é verdade, isto é, corríamos o risco de um desastre nuclear... A reunião no Alasca é puro realismo porque estamos falando de duas potências nucleares, vamos respeitar esse aspecto. Algo que a Europa e a OTAN estavam ignorando, toda a imprensa ocidental (com sua Névoa de Guerra 2.0) estava ignorando. E quase tivemos um acidente nuclear; até mesmo a posição de alguns dos mais importantes assessores de Putin era pressionar por isso. E os ingleses, como o ex-primeiro-ministro Tusk, também nos pressionaram. A ideia era: ‘Temos que restabelecer a dissuasão nuclear. Eles têm que

*respeitar as armas nucleares e, para respeitá-las, vamos bombardear algum lugar.’ Então, estávamos a um fio de cabelo de distância, um pouquinho distante disso. Mas o que está caindo é toda a Nova Ordem Mundial que emergiu com a queda do Muro de Berlim e a dissolução do ‘Império Soviético ou União Soviética’. Em outras palavras, nasceu a ideia de transformar a Rússia em um delicioso presunto, a ser dividido entre as potências europeias, americanas, inglesas e outras, com a pressão da OTAN na fronteira. Essa era a ideia: transformar a Rússia em uma divisão de repúblicas, como fizeram com o Império Austro-Húngaro, como fizeram no Oriente Médio.”*

## “E FINALMENTE: ONDE ESTAMOS HOJE?”

Sergey Sysoev nos conta: “Durante a Cúpula de Anchorage, foi claramente alcançado um acordo sobre a retirada do Exército ucraniano de Donbass em troca de um tratado de paz. Ele foi rejeitado nas negociações em Washington. Portanto, neste momento, temos apenas uma constante: não há mais demanda por trégua ou cessar-fogo, e as partes terão que negociar um acordo final para resolver o conflito.”

Donald Trump, com todas as suas relações públicas, não tem a influência necessária para influenciar Bruxelas coletivamente.

Talvez Moscou já tenha percebido isso e deixado claro para seus parceiros que não será possível convencê-lo a fazer concessões abaixo da barreira próxima a zero de Anchorage. Prova disso é a declaração de Lavrov em entrevista à *Rossiya 1*: “Se Kiev renunciar à neutralidade e ao status de país livre de armas nucleares, os motivos para o reconhecimento da independência da Ucrânia desaparecerão.”

No geral, as negociações realizadas em Anchorage e Washington nos próximos três dias sugerem que o processo de negociação com o governo Trump é, na verdade, tão inútil quanto o diálogo com Bruxelas (a menos que Moscou decida rejeitar todas as demandas que levaram à operação militar na Ucrânia, o que me parece irrealista no momento). Essa corrida em círculos, combinada com um circo diplomático, só pode atrapalhar uma coisa: o avanço da frente e o avanço em direção ao rio Dnieper. Para citar uma frase hoje comum em Moscou, o melhor negociador é um soldado russo, e o melhor argumento nas negociações é um avanço na frente. Então, os aliados de Kiev estarão prontos para fazer qualquer concessão para garantir que seu representante ucraniano não desapareça para sempre.

Publicado no [La Prensa](#).

---

**\*Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.

---